



Raúl Lino, arquiteto de escolas

Organização
Françoise Le Cunff

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	3
BREVE NOTA BIOGRÁFICA	5
AS IDEIAS DE RAÚL LINO SOBRE ARQUITETURA ESCOLAR	8
OS PROJETOS DE ESCOLAS PRIMÁRIAS DE RAÚL LINO	12
Os jardins-escolas João de Deus	12
A Escola Primária da Tapada da Ajuda (Lisboa)	16
Os projetos-tipos regionalizados Raúl Lino	29
Escolas Raúl Lino - tipo Estremadura (Cantaria)	30
Escolas Raúl Lino - tipo Alentejo e Ribatejo (Tijolo).....	32
Escolas Raúl Lino - tipo Algarve.....	35
FONTES DOCUMENTAIS	36
BIBLIOGRAFIA.....	37

APRESENTAÇÃO

Raúl Lino é um prestigiado arquiteto português com uma longa e diversificada atividade profissional. Muitos autores dedicaram-se ao estudo da sua ação e da sua obra, nas suas variadíssimas vertentes tais como a arquitectura doméstica, a arquitetura- paisagista, as artes, o urbanismo ou o restauro e a conservação do património, destacando-se, no entanto, a *casa portuguesa* como grande tema privilegiado de análise. A presente exposição virtual pretende focar o desempenho profissional de Raúl Lino noutra domínio, o da arquitectura escolar, área que o arquiteto português muito valorizava. “As escolas de um país assumem a responsabilidade no maior ou menor valor de um povo” escreveu Raúl Lino (*Boletim Oficial do Ministério da Instrução Pública*. Lisboa. Ano 2, n.º 13 a 16, 1917. P.58-59).

A escolha de tratar este tema tem a ver com o fato, de há mais de cem anos, precisamente no ano de 1916, Raúl Lino assinava três textos importantes sobre construções escolares, nos quais o arquiteto expõe as suas conceções arquitectónicas e estéticas dos espaços para o ensino das crianças, conceções desenvolvidas no âmbito de vários projetos de construção de escolas primárias, nomeadamente para a Escola Primária de Alcântara, inaugurado em 1918 e que ainda hoje se mantém em funcionamento.

Esta exposição virtual é composta por três partes:

I) Breve nota biográfica sobre Raúl Lino, que segue muito de perto a biografia do arquiteto editada no *Dicionário de educadores portugueses*, obra de referência publicada sob a direcção de António Nóvoa.

II) As ideias de Raúl Lino sobre arquitectura escolar

No ano de 1916, Raúl Lino escreve alguns textos nos quais descreve o programa a que deviam obedecer os projetos das edificações escolares, divulgando assim os ideais que se deveriam adaptar às novas exigências de ensinar as crianças portuguesas.

III) Os projetos de escolas primárias de Raúl Lino

Raúl Lino teve intensa atividade como projectista de edifícios escolares. A sua ação no campo da arquitetura escolar inicia-se com a conceção de um modelo arquitetónico concebido para jardins-escolas e acaba com a definição de projetos-tipo regionalizados para edifícios de escolas primárias, aprovados em 1935 pelo Ministro das Obras Públicas, Duarte Pacheco. A sua atividade foi particularmente densa e diversificada durante toda a 1.^a República, período durante o qual assina projetos destinados não só ao ensino primário como ao ensino agrícola e até ao ensino liceal.

A organização desta exposição foi realizada tendo como base a consulta dos estudos dos seguintes autores: **Carlos Manique da Silva, Fernando Moreira Marques, Filomena Beja e Júlia Serra.**

BREVE NOTA BIOGRÁFICA

Raúl Lino (1879-1974) cedo é enviado pelos seus pais ao estrangeiro para estudar e se formar. Em 1890, com 10 anos, vai estudar num colégio em Inglaterra. Três anos depois, vai para a Alemanha para aprender a língua e fazer um curso de Arquitetura. Instala-se na cidade de Hannover onde frequenta durante quatro anos uma escola de Artesanato e Artes e Ofícios, bem como assiste a aulas teóricas no Instituto Superior Técnico. Da sua estadia na Alemanha, destaca-se a sua prática ainda como voluntário, durante dois anos, no atelier do Albrecht Haupt, professor-arquiteto apaixonado pela arquitetura do Renascimento, a quem ficou a dever grande parte da sua formação e com quem manteve uma relação de grande amizade. Raúl Lino escreve que é a este arquiteto alemão que deve, conforme refere, “o grande amor que passei a nutrir pela minha terra”. Da permanência na Alemanha, resultou ainda uma paixão pela natureza que encontraria terreno fértil na sua disposição espiritual para a meditação, o isolamento e a independência de carácter que haveria de marcar o seu percurso profissional.

Após o regresso a Lisboa, em 1897, completa o seu curso livre de Arquitetura e começa a trabalhar nas oficinas do pai, rico negociante de materiais de construção. Datam de finais do século XIX, os primeiros trabalhos de arquitetura e as viagens pelo país, em particular pelo Alentejo, de onde resultam inúmeros apontamentos (desenhos e aguarelas) sobre a arquitetura tradicional. Com o projeto apresentado em 1899 para o Pavilhão de Portugal na Exposição Universal de Paris (1900), “inspirado em estilos portugueses de várias épocas, combinados numa composição verosímil e bastante harmoniosa”, Raúl Lino assume a liderança de um movimento de orientação nacionalista que ansiava por recuperar a harmonia perdida da arquitetura na sua relação com a natureza: a campanha para o aporuguesamento da Casa Portuguesa. Para Raúl Lino tratava-se de “achar um modo de construir que fosse original e moderno e sobretudo tivesse carácter português”.

Contrariamente ao modelo progressista de influência “beaux-arts” defendido por Ventura Terra, Raúl Lino vai propor um modelo culturalista “através de uma arquitetura de instauração dos seus próprios valores expressivos em que a noção de espaço se manterá sempre presente”.

Em 1902, uma viagem de um mês realizado pelo interior de Marrocos exerce nele grande

influência do ponto de vista pessoal e profissional. Em 1911-1912, está de novo na Alemanha, nomeadamente em Berlim onde estuda Artes Decorativas, Artes Gráficas e Desenho de Nu.

Em 1926, mais de duas dezenas de anos após ter projetado a sua primeira obra construída – uma casa no Monte Estoril “inspirada nas coisas amouriscadas do Alentejo” – é-lhe conferido o diploma oficial de arquiteto.

A sua longa vida, de quase 100 anos, torna-o um dos mais importantes, prestigiados e polémicos arquitetos portugueses deste século. Arquiteto da geração de noventa, dela herda os valores românticos e nacionalistas, aos quais daria uma linguagem própria ao nível arquitetónico. Partindo de uma “exigente erudição germânica”, Raúl Lino propõe uma “estrutura morfológica renascentista” para a Casa Portuguesa, sem formalismos e com carácter orgânico. Por influência de Thoreau, com cuja obra contatará na Alemanha, procurará um íntimo entendimento da obra arquitetónica com o “habitat natural” pela participação da natureza. Nos anos 30, referido ainda como um dos artistas representativos do movimento moderno, não tardaria em manifestar a sua oposição às ideias e práticas da segunda geração de arquitetos modernistas, iniciando uma polémica ideológica com o jovem arquiteto Keil do Amaral. Doravante, Raúl Lino nunca mais deixaria de acentuar a sua ruptura com “os esperantos da arquitetura modernista-internacionalista”, entendidos como porta-vozes de um racionalismo materialista que taylorizava o homem e a civilização.

A sua atividade não se limita a projetos de edifícios, inclui a realização de atividades em domínios artísticos tão diversificados como a decoração fixa e móvel (desenho de interiores e mobiliário, frescos, azulejos, peças de cerâmica e metal), as artes gráficas (ilustração de livros, capas de revistas, bilhetes postais, ex-libris, entre os quais o da Universidade de Lisboa) e a cenografia (cenários e figurinos para espectáculos teatrais e de bailado).

Desempenharia igualmente papel relevante como educador estético e doutrinador através da participação em instituições culturais e artísticas (é fundador e membro dos corpos directivos da Academia Nacional de Belas-Artes, membro do Conselho Diretivo da Fundação Ricardo Espírito Santo e de vários júris e comissões da Fundação Calouste Gulbenkian), do exercício de cargos políticos (é representante da Academia Nacional de Belas Artes e vogal da Junta Nacional da Educação), da colaboração em jornais e revistas e da publicação de vários livros.

Paralelamente à sua atividade exercida enquanto profissional liberal, acumula cargos e missões na administração pública. É arquiteto-chefe da Repartição Técnica de Estudos, Obras e Monumentos da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais; superintendente artístico dos Palácios Nacionais; responsável, por ocasião das Comemorações Centenárias, pelo arranjo dos principais Palácios Nacionais e da Legação de Portugal em Berlim e diretor dos Serviços dos Monumentos Nacionais.

No domínio da arquitetura escolar, projeta 11 jardins-escolas João de Deus, construídos entre 1911-1957, bem como a Escola Primária n.º 157 de Lisboa, na Tapada da Ajuda (1916) e as escolas do tipo Raúl Lino (1933-1935). Em todas estas obras, Raúl Lino procura uma coerência orgânica entre as suas propostas e as tradições arquitetónicas nacionais.

Fora João de Deus Ramos, eminente pedagogo, que pediu a Raúl Lino um projeto para o primeiro dos seus jardins-escolas, construído em Coimbra, projeto que depois se popularizou pela sua adoção em várias terras do país. O arquiteto português propõe então, em 1908, um modelo de “escola maternal”, só posteriormente designado por jardim-escola. Este projeto estabeleceu uma matriz funcional e tipológico do espaço pré-escolar, modelo a ser adaptado às características do local. Nele destaca-se um grande espaço central, denominado de museu, em torno do qual se organizam as salas de ensino, a cantina e os sanitários.

Reconhecendo-lhe méritos, o Estado encomendou-lhe depois o plano de uma escola primária para oitocentas crianças, a construir em Alcântara. O projeto desta escola era considerado pelo próprio Raúl Lino o menos incompleto: “Que hei-de dizer dos meus projetos de construções escolares? Que o menos incompleto é o da escola primária que se está executando na Tapada da Ajuda, e este foi o resultado bastante torturado de uma espécie de assalto de esgrima entre o espírito inventivo de um lado e uma cousa chamada orçamento do outro lado” (*Atlântida*. Lisboa. N.º 4 (15 de fevereiro de 1916), p. 335).

Alguns anos mais tarde, isto é, em 1935, no exercício de profissão liberal, elaborou os projetos tipo regionalizados para as escolas primárias a construir nas regiões sul do país: Algarve, Alentejo-Ribatejo e Estremadura.

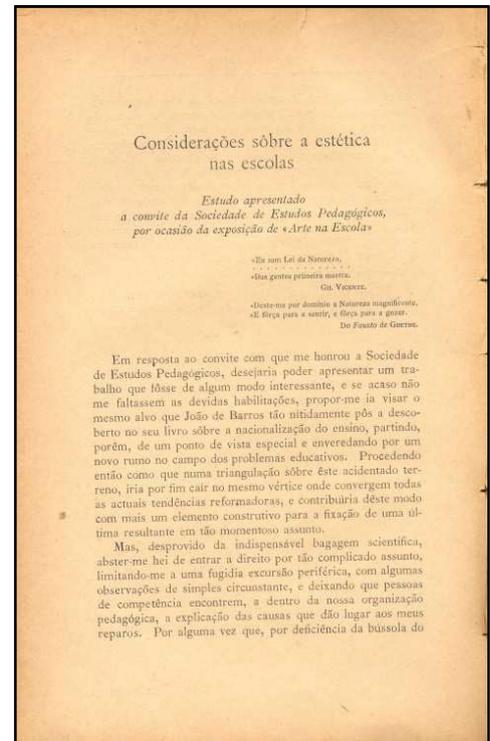
AS IDEIAS DE RAÚL LINO SOBRE ARQUITETURA ESCOLAR

Raúl Lino que começou por ser conhecido por certos modelos de casas de habitação, “inteiramente novos de fisionomia exterior e de decoração interna”, foi conduzido a preocupar-se também com o problema tão importante, da melhor construção e disposição de edifícios escolares. No ano de 1916, elabora três textos que sintetizam a sua conceção de espaços pedagógicos próprios para a infância e que revelam a importância que o arquiteto atribui à arquitectura escolar, à decoração interior e exterior dos edifícios escolares, ao mobiliário escolar e até à harmonização dos edifícios escolares na paisagem natural. São eles:

- “Edifícios escolares de Raúl Lino”, publicado na revista [Atlântida](#) (N.º 4 (15 de fevereiro de 1916), p. 331-336);
- “Considerações sobre a estética nas escolas: estudo apresentado a convite da Sociedade de Estudos Pedagógicos, por ocasião da exposição de Arte na Escola”, texto assinado de março de 1916, mas publicado um ano mais tarde no *Boletim Oficial do Ministério da Instrução Pública* (Lisboa. Ano 2, n.º 13 a 16, 1917, p.42-59).
- “Decoração de escolas primárias: memória justificativa de uma proposta para a decoração da escola de Alcântara”, publicado no *Boletim Oficial do Ministério da Instrução Pública* (ano 1(1916), n.º 3, p.191-194).

No segundo texto referenciado, estudado por Fernando Moreira Marques, Raúl Lino aborda questões ligadas à educação infantil, defendendo alguns princípios sobre a estética e funcionalidade dos edifícios escolares, bem como o seu mobiliário.

Na primeira parte do texto, verifica-se que o arquiteto partilha as ideias do político republicano João de Barros sobre a Educação. Partilha nomeadamente a tese de que o principal fim da educação “é o desenvolvimento de todas as faculdades do educando de modo que ele venha a adquirir todas as possibilidades de viver fortemente, completamente” (p.43) e vê a sua concretização condicionada pela introdução da educação estética e artística na escola, começando pelo “aspecto das instalações escolares e indo até aos cursos organizados de desenho, canto coral e dança”. Na opinião do arquiteto “a arte nas escolas tem por fim revelar ao educando a essência ou a forma das cousas, por modos alheios ao processo de raciocínio, isto é, baseados directamente nas funções sensoriais”. Assim, essencialmente preocupado com o edifício escolar e o seu mobiliário, achava que um e outro deviam de “ser belos, isto é, delineados por artistas” (p.54). O espaço da prestação de ensino devia ser o resultado partilhado de concepções pedagógicas e artísticas: “O pedagogo dará os elementos de que o edifício se deve compor; o arquiteto achará a melhor disposição a dar ao conjunto e cuidará da parte decorativa” (p.54).



É um texto importante no qual o famoso arquiteto transmite as suas ideias sobre arquitetura escolar que percepciona como sendo um programa educativo veiculado a uma concepção pedagógica global da qual participam as instalações físicas da escola. Contra o domínio da cultura literária e a obsessão da palavra, contra a indiferença pelas obras de arte e o desrespeito pela paisagem, propõe uma escola dos sentidos onde se reconheça o alto valor pedagógico da natureza e da arte, uma escola onde o desenvolvimento sensorial contribua para a “higiene da alma” e permita um mais amplo contacto com a vida em todas as suas manifestações. Em oposição ao racionalismo educativo e à insensibilidade hodierna, defende a introdução da Arte e da Estética nas escolas, o apuramento dos sentidos, o despertar do amor pela natureza – o melhor princípio de toda a educação e do qual resultam a ideia de Pátria, o sentimento de nacionalidade, os valores de heroísmo, da poesia e da aventura.

Para Raúl Lino, a ideia de uma educação estética na escola, como meio de criação em cada educando de um “verdadeiro artista da vida”, passa necessariamente pelo desenho do edifício e do seu mobiliário.

Consciente de que as crianças vão passar a maior parte do seu tempo na escola, considera aí justificada a aplicação do que designa por “preceitos de higiene espiritual”. A impecabilidade de execução e a riqueza, “onde a puder haver traduzida pela solidez e propriedade de todas as suas partes” constituem também condições essenciais de realização. Fundamental é evitar a “monotonia, a tristeza dos aspectos” e toda aquela “uniformidade” que faz com que as escolas pareçam penitenciárias ou edificações para exploração de indústria, “com o carácter anti-social que elas infelizmente entre nós ainda mantêm” (p.55).

Motivo decorativo da Escola Primária da Tapada da Ajuda, Lisboa



No mesmo texto ainda, Raúl Lino desaprova, do ponto de vista didáctica, certas decorações, nomeadamente frisos e painéis nas paredes das escolas, comparando-os a “sermões pintados” que pouco dizem às crianças. Defende, pelo contrário, que estas decorações, à semelhança, das obras de arte, devem apelar para os sentidos, ser de carácter sugestivo e não descritivo. No que toca ao mobiliário escolar, questiona a adoção de carteiras com pés de ferro fundido para todas as aulas, modelo que considera inestético e antipedagógico devido à “sugestão maquinal da sua forma” (p.55).

Embora reconheça utilidade prática ao método racional e ao processo científico na educação, mostra-se a favor da “precedência do sistema intuitivo no ensino das crianças” (p.56). Demonstra que é através dos exercícios artísticos que se chega ao sentimento da

beleza e à compreensão da harmonia da natureza.

Paralelamente à nacionalização do ensino, preconizada por João de Barros, Raúl Lino considera que se deve procurar a “nacionalização do edifício escolar, mas sem cair na imitação deste ou daquele estilo do passado no aspecto das escolas modernas, porque o problema que hoje se oferece ao arquitecto é inédito, nova será portanto, também, a fórmula que ele há de encontrar para uma arquitectura adequada” (p.57-58).

Motivo decorativo da Escola Primária da Tapada da Ajuda, Lisboa



OS PROJETOS DE ESCOLAS PRIMÁRIAS DE RAÚL LINO

Os jardins-escolas João de Deus

O primeiro jardim-escola construído no país foi inaugurado em Coimbra, no dia 2 de abril de 1911, e resultou da amizade e do trabalho conjunto desenvolvido por João de Deus Ramos e Raúl Lino. Da autoria do primeiro são as bases pedagógicas, as exigências funcionais e alguns conceitos de estética e inserção urbanística, enquanto a Raúl Lino pertence a concepção arquitetónica desenvolvimento do projeto e o desenho do mobiliário.



Escola-Jardim João de Deus, Coimbra, aquando da sua inauguração.
(Fotografia retirada do atual *site* da escola.)

A construção deste estabelecimento de ensino fora feita com o produto dos espetáculos do Órfão Académico de Coimbra e com os donativos de cidadãos que aderiram entusiasticamente à iniciativa lançada pela Associação de Escolas Móveis, Bibliotecas

Ambulantes e Jardins-Escolas João de Deus, fundada em 1882 por Casimiro Freire.

Esta foi a primeira intervenção conhecida do arquiteto Raúl Lino no espaço escolar; construção “planeada dentro do espírito da Casa Portuguesa de que Raúl Lino foi o principal responsável” (MARQUES, Fernando Moreira (2003), p.770).

No seu livro **A República e a escola** (1914), João de Barros observava: “Existe atualmente em Portugal uma escola, nova de aspecto e de orientação, nacional e nacionalizadora, e que está sendo a base de um largo movimento educativo. [...] Essa escola nova existe em Coimbra terra de escolas velhas [...]. Idealizou-a e criou-a o género audacioso e ponderado de um moço que é já hoje ilustre. João de Deus Ramos, filho do grande João de Deus [...]. É uma escola infantil, um jardim-de-infância, ou melhor [...] um Jardim-Escola [...]. Nele, oitenta crianças pobres de ambos os sexos, aprendem a ser fortes, equilibradas, sadias e portuguesas”. E sobre as bases da proposta arquitetónica, acrescentava: “uma das normas que mais carinhosamente seguiu o Dr. João de Deus na instalação do seu Jardim-Escola foi a de não copiar dos modelos estrangeiros o tipo de casa e a decoração das paredes: tudo foi delineado, executado e acabado por artistas portugueses e inspirado, o edifício, na nossa doce arquitetura provinciana; a decoração, na nossa fauna, na nossa flora e nos nossos costumes” (p.89-90).



Escola-Jardim João de Deus, Coimbra: interior.

Fotografia retirada da dissertação de mestrado de Luísa Violante dos Santos Bigode (2013), p.24

Salientando o carácter modelar deste estabelecimento de ensino, concluía: “A arte do nosso portuguêsíssimo Raúl Lino ali triunfa. Entra-se a porta e está-se dentro de uma habitação portuguesa, arejada, ampla, alegre e, é claro, absolutamente apropriado ao seu fim. O ar que ali circula não é o ar bafiento dos colégios antigos, não é a atmosfera pesada da pedagogia sorna e fatigante: - é um pouco do ar da Pátria, límpido e puro como o ar das nossas montanhas, reparador e forte como o sopro do nosso Atlântico familiar. Dispõe bem, acolhe bem as crianças, cujos olhos ávidos são logo atraídos pelas decorações murais, primeira lição de educação estética, primeiro balbucio de ensino patriótico [...]” (p.90).

E, reflectindo sobre a designação atribuída à nova escola Jardim-Escola João de Deus, João de Barros explicava:

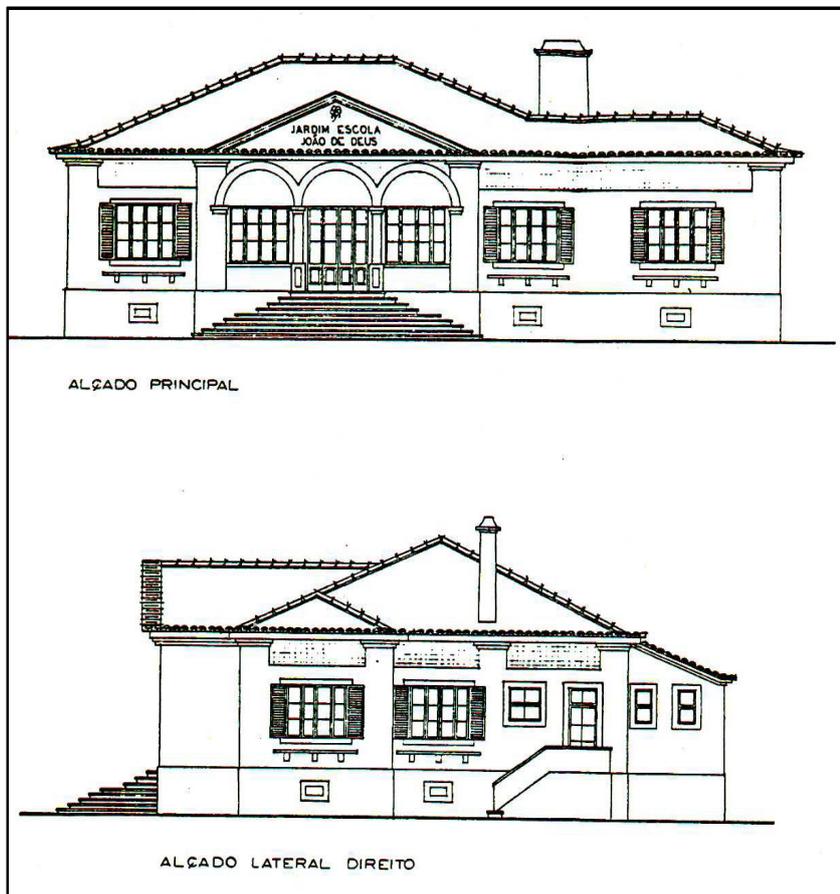
“Mas porque se chamará Jardim-Escola e não escola infantil? Para que se terá ido procurar uma designação nova par uma instituição antiga, visto que tem o mesmo fim que tantas outras: educar a primeira infância? Por um motivo bem natural: porque nele, o jardim não é como nas suas similares, um lugar de recreio, de descanso, pertence à escola, é um campo de educação e de ensino” (p.94).

Na perspectiva do grande historiador e educador português, João de Barros, a maneira de resolver o problema do ensino primário passava pelo meio de Escolas Móveis, Jardins-Escolas e Escolas-Oficinas:

“Mas se as escolas móveis são suficientes para adultos ou crianças que já passaram da primeira infância, não o são par as crianças mais pequenas, que, na convivência da rua ou pela absoluta inaptidão da família portuguesa para educar, atrofiam as suas melhores qualidades e chegam à idade do ensino primário eivados dos piores vícios, incapazes, na sua grande maioria, de adquirir vigor físico e equilíbrio mental. Por isso, as Escolas Infantis cujo tipo português é o Jardim-Escola João de Deus, têm o seu papel nitidamente marcado, como solução única deste aspecto grave do nosso problema primário” (p.116-117).

Raúl Lino desenha mais dez projetos de jardins-escolas até 1957, neles se incluindo o de Alcobaça (1914), o da Figueira da Foz (1914) e o de Lisboa, construído com o Museu João

de Deus e inaugurado em 1915.



Jardim-Escola João de Deus em Alcobaça
Desenhos retirados de *Muitos anos de escolas*, vol.1, p.69.

A Escola Primária da Tapada da Ajuda (Lisboa)

A atual Escola Primária n.º 157 de Lisboa, na Tapada da Ajuda, inaugurada em 1918, foi a primeira escola pública projetada e decorada pelo arquiteto Raúl Lino. Os frescos e os azulejos das salas de aula, do refeitório e das zonas de circulação são considerados de grande valor artístico.

O projeto desta escola resulta de uma encomenda passada pelo Estado ao arquiteto Raúl Lino. Concebido para 800 alunos de ambos os sexos, é constituído por dez salas de aula (cinco em cada piso), uma cantina no rés-do-chão, bem como, no espaço homólogo do andar superior, uma sala de leitura intercomunicando com uma sala de aula. Ainda no pavimento superior existe um espaço reservado a museu. O projeto é completado ainda por um átrio, uma sala de professores, formando, no piso térreo, uma espécie de corpo avançado do edifício, e um recreio coberto.

Em resposta a um convite do seu amigo João de Barros, então diretor da revista *Atlântida*, par redigir algumas notas sobre os seus projetos de edificações escolares, Raúl Lino escrevia a propósito: “Que hei-de dizer dos meus projetos de construções escolares? Que o menos incompleto é o da escola primária que se está executando na Tapada da Ajuda, e este foi o resultado bastante torturado de uma espécie de assalto de esgrima entre o espírito inventivo de um lado e uma cousa chamada orçamento do outro lado. Quanto ao restante, e a não serem cousas que só interessariam aos mestres-de-obras, só lhe direi mais que tendo economizado espaço nos limites do possível, implantei a escola no meio do terreno com o maior respeito pelo sol que a ilumina e pelas boas velhas oliveiras que a engrinaldam, e com absoluto desprezo pelo eixo da rua camarária que lhe dá acesso. Nos aspectos exteriores, fugi sobretudo àquela fisionomia antipática em que é fácil cair-se, dada à uniformidade obrigada dos vãos de janela e quando o orçamento é exíguo e que pode fazer lembrar as casas de trabalhos forçados. A cantina a que eu dei uma disposição mais carinhosa, como sendo naturalmente a cada querida dos pequenos, projecta-se em polígono aberto por todos os lados sobre o campo de recreio assombreado por um soberbo plátano. Uma ingénua decoração enxaquetada de azulejo chama atenção do enxame estudioso para a entrada do seu cortiço, e esta em si é formada por um largo e baixo arco, feito menos para impor

respeito às crianças do que par engolir sofregamente o turbilhão gargalhante de rapazes e raparigas” (*Atlântida*. Lisboa. N.º 4 (15 de fevereiro de 1916), p. 335).

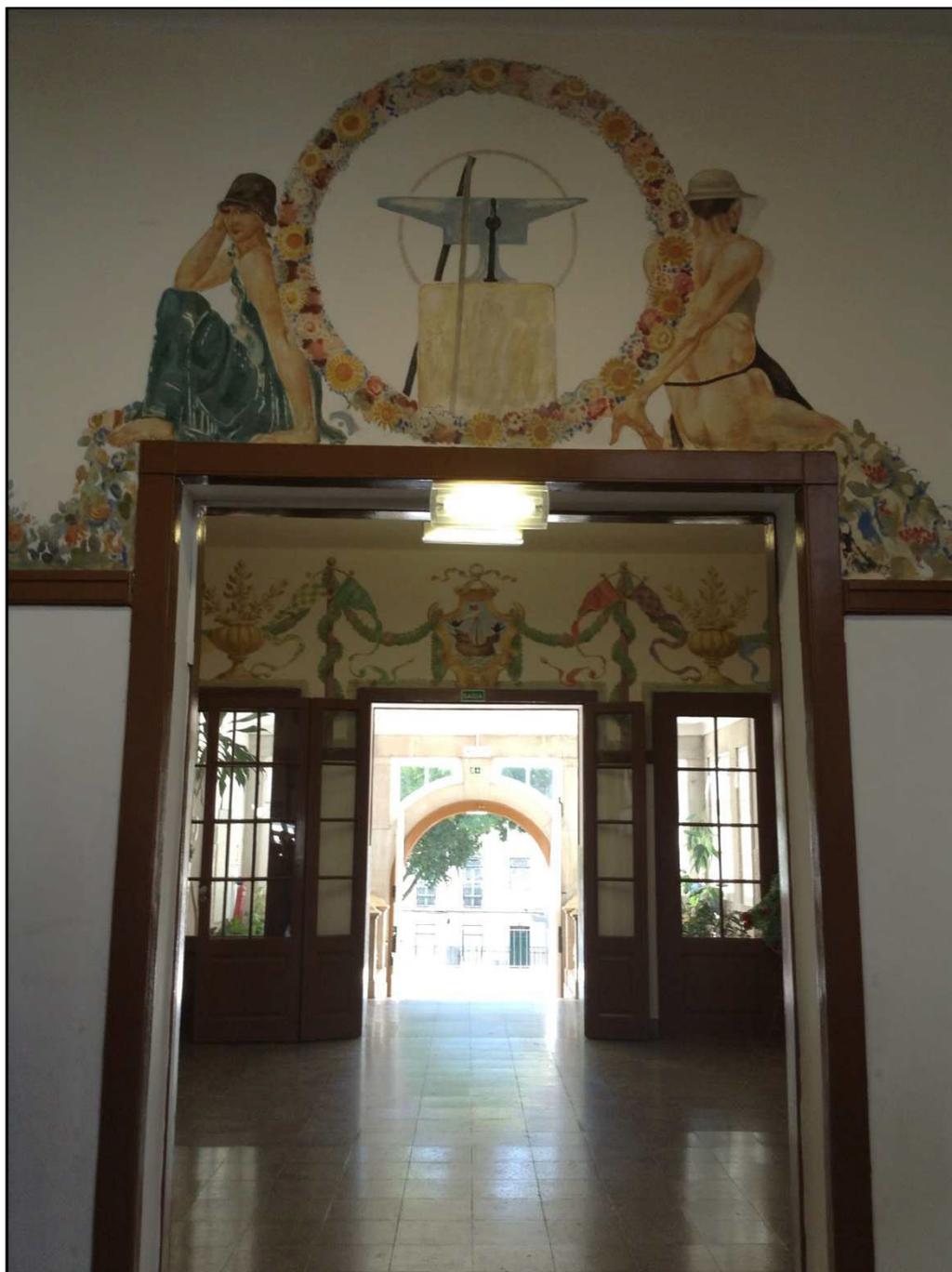


Cantina da Escola Primária da Tapada da Ajuda

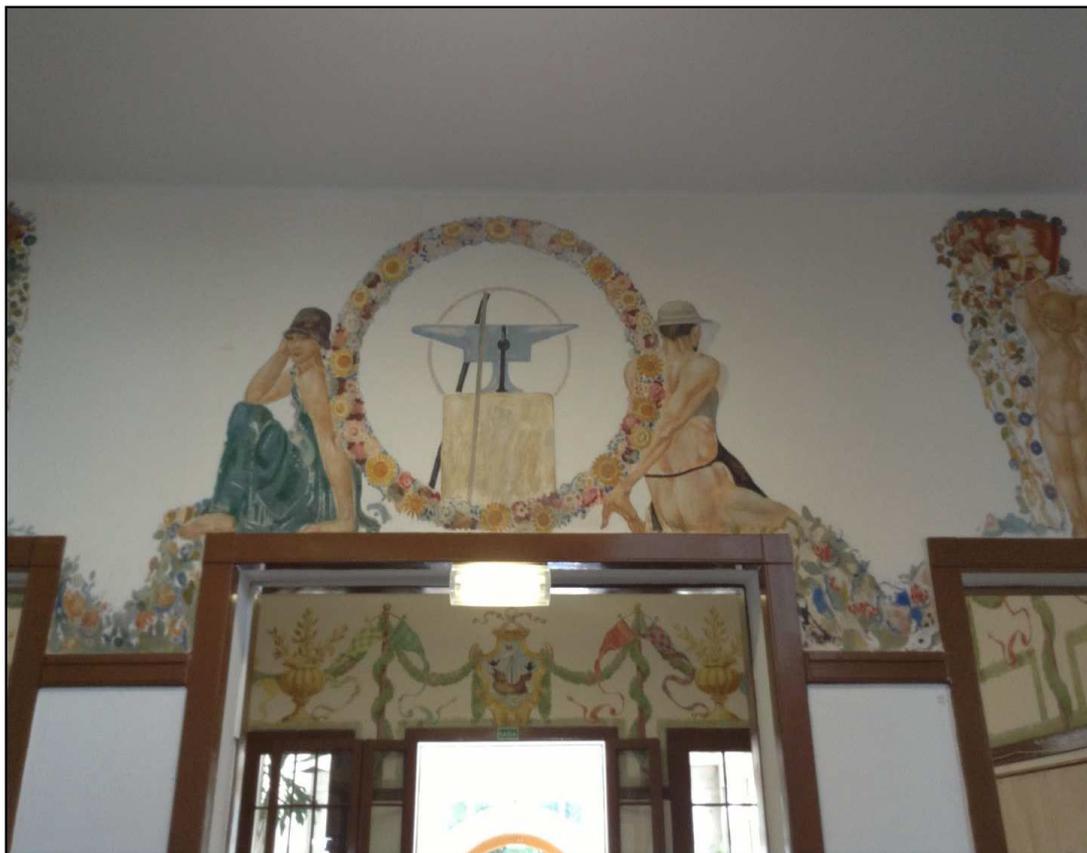
Analisando os desenhos elaborados por Raúl Lino para esta escola, o investigador Carlos Manique da Silva, com base nas dimensões dos vários espaços desta escola, observa a importância atribuída pelo arquiteto à cantina, à sala de leitura e ao museu. Sobre a cantina e a sala de leitura, Carlos Manique da Silva comenta o seguinte: “à primeira, Raúl Lino chamará mesmo “a casa querida dos pequenos”, denotando uma preocupação eminentemente social.

Em relação à segunda, para além da sua função principal (equiparada à de uma biblioteca?), creio que terá havido a intenção de criar um espaço versátil e suficientemente amplo par poder albergar o coletivo de alunos, professores e pais durante as solenidades escolares (daí a comunicação com a sala de aula que se encontra adjacente)”. Quanto ao museu, Carlos Manique da Silva destaca não somente as dimensões, generosas, do espaço reservado a esta função, bem como a sua localização especial, no 2.º piso, atribuindo ao lugar uma “visibilidade simbólica” e que tem a ver com “o fato de os museus serem encarados como recurso determinante para o ensino intuitivo” (SILVA, Carlos Manique, 2011, p. 47).

Seguem um conjunto de fotografias do interior da escola primária da Tapada da Ajuda, tiradas pela autora desta exposição aquando da frequência de uma visita guiada às escolas de Alcântara organizada pela Junta de Freguesia deste bairro lisboeta, em junho de 2015.



Entrada principal da Escola Primária da Tapada da Ajuda, em Alcântara, Lisboa.

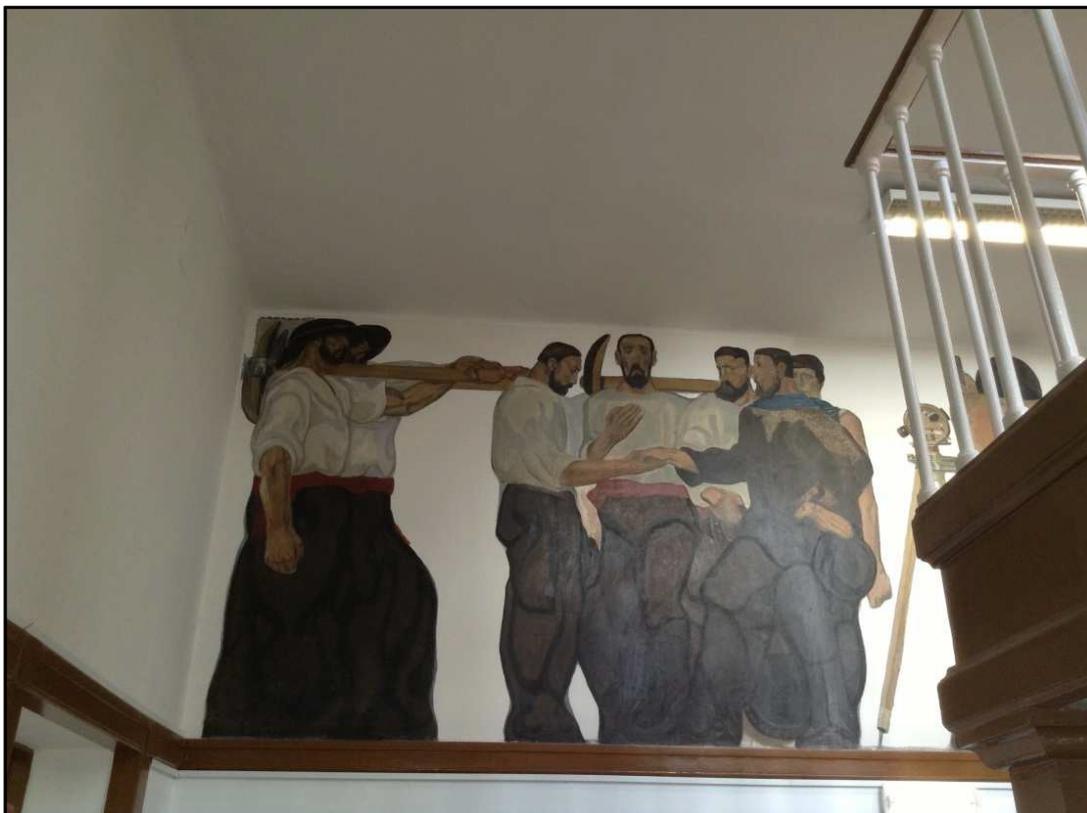


Entrada principal da Escola Primária da Tapada da Ajuda, em Alcântara, Lisboa: pormenor



Pormenores da pintura mural no átrio que dá acesso da portaria às salas de aula do rés-do-chão e à escadaria que leva às salas de aula do primeiro andar.

A pintura, designa por “Os ofícios de Alcântara”, retrata as atividades principais que existiam em Alcântara aquando da inauguração da escola em 1918.



Seguem-se exemplos das pinturas das salas de aulas:





Sala de aula do rés-do-chão













Escadaria que leva ao primeiro andar onde se situam a cantina, o museu escolar e salas de aula.



Aspetos do museu escolar da Escola Primária de Alcântara



Os projetos-tipos regionalizados Raúl Lino

Raúl Lino foi autor de projetos-tipos regionalizados para edifícios de escolas primárias dos distritos de Faro, Beja, Évora, Portalegre, Setúbal, Lisboa, Santarém e Leiria. Estes projetos, aprovados em 1935 pelo Ministro das Obras Públicas, Duarte Pacheco, destinavam-se a 12 diferentes edifícios (soluções) de escolas primárias, agrupados em três tipos, conforme a região a que se destinavam: Algarve (alvenaria), Estremadura (cantaria) e Alentejo e Ribatejo (tijolo).

Todos incluíam soluções para uma, duas, três ou quatro salas. Encomendados pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, em 1933, em regime de ajuste particular com dispensa das formalidades de concurso, os projetos foram concebidos para serem construídos em série, de harmonia com as características da arquitetura regional portuguesa, não só pela aplicação de matérias-primas próprias das regiões como pelas variações de clima, como refere a *Memória do anteprojecto do plano geral de tipos regionais de escolas primárias oficiais a construir em série*, da autoria do arquiteto-chefe da 5.^a Seção, Guilherme Rebello de Andrade, que em finais do mesmo ano, substituiu as anteriores “Normas técnicas, higiénicas e pedagógicas”, organizadas por Adães Bermudes, Costa Sacadura e Arlindo Varela, em 1917.

Segue uma breve apresentação de cada um destes projectos-tipos regionalizados:

Escolas Raúl Lino - tipo Estremadura (Cantaria)

Tipo também usado noutras regiões do Sul em que abunda a cantaria de boa qualidade.

Acabamento rústico.

Cantaria também usada nos peitoris, degraus e soleiras.

Caiação exterior de cor forte.

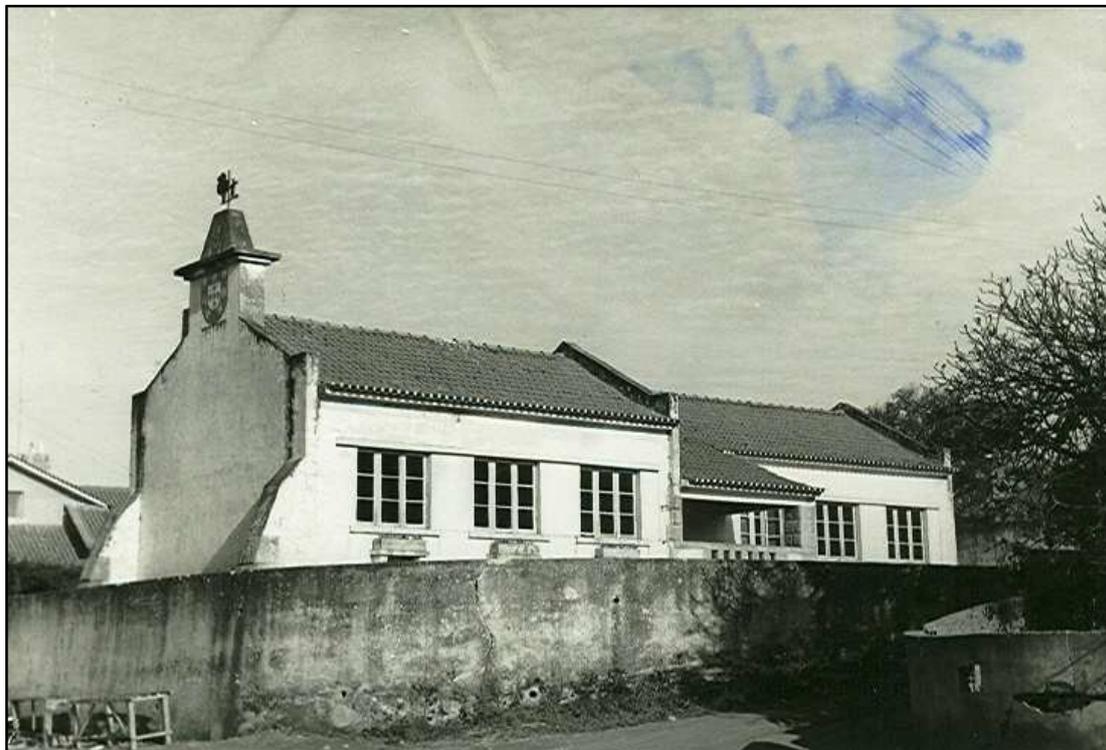
Taipais nas janelas.

Cata-vento com motivo da região.



Escola Primária de Alqueidão (freguesia de Pedrogão, concelho de Torres Novas, distrito de Santarém)

Coleção de fotografias de edifícios do ensino primário Arquivo Fotográfico do Arquivo das Construções Escolares



Escola Primária de Avelar (freguesia de Avelar, concelho de Ansião, distrito de Leiria)

Coleção de fotografias de edifícios do ensino primário Arquivo Fotográfico do Arquivo das Construções Escolares

Escolas Raúl Lino - tipo Alentejo e Ribatejo (Tijolo)

Tipo para as regiões onde se usa o tijolo em alvenarias.

Peitoris, soleiras e vergas dos vãos exteriores em cimento armado.

Caição de cor forte.

Alpendre da entrada e grelhagem em tijolo.

Os taipais dos vãos exteriores são pintados de cor viva.

Cata-vento com motivo da região.



Escola Primária de Pardais (freguesia de Pardais, concelho de Vila Viçosa, distrito de Évora)

Coleção de fotografias de edifícios do ensino primário Arquivo Fotográfico do Arquivo das Construções Escolares



Escola Primária de Messejana (freguesia de Messejana, concelho de Aljustrel, distrito de Beja)
Coleção de fotografias de edifícios do ensino primário Arquivo Fotográfico do Arquivo das Construções Escolares



Escola Primária de Santa Vitória (freguesia de Santa Vitória, concelho e distrito de Beja)
Coleção de fotografias de edifícios do ensino primário Arquivo Fotográfico do Arquivo das Construções Escolares



Escola Primária do Entroncamento (freguesia e concelho do Entroncamento, distrito de Santarém)

Coleção de fotografias de edifícios do ensino primário Arquivo Fotográfico do Arquivo das Construções Escolares

Escolas Raúl Lino - tipo Algarve

Tipo usado em algumas localidades do Algarve e Alentejo.

Caição geral de cor branca, incluindo a grelhagem de tijolo.

Os taipais dos vãos exteriores são pintados de cor viva.

Os cunhais têm gigantes adossados.

Cata-vento com motivo da região.



Escola Primária de São Clemente (freguesia de São Clemente, concelho do Loulé, distrito de Faro)

Coleção de fotografias de edifícios do ensino primário Arquivo Fotográfico do Arquivo das Construções Escolares

FONTES DOCUMENTAIS

- Coleção de fotografias de edifícios do ensino primário
Arquivo fotográfico das Construções Escolares - Secretaria-Geral da Educação e Ciência
- Coleção de fotografias da Escola Primária de Alcântara
Coleção privada de entidade singular
- *Boletim Oficial do Ministério da Instrução Pública*
Publicação periódica do espólio bibliográfico da Biblioteca Museu do Ensino Primário da Biblioteca Histórica de Educação - Secretaria-Geral da Educação e Ciência
 - “Considerações sobre a estética nas escolas: estudo apresentado a convite da Sociedade de Estudos Pedagógicos, por ocasião da exposição de Arte na Escola”, texto assinado de março de 1916, mas publicado um ano mais tarde no *Boletim Oficial do Ministério da Instrução Pública* (Lisboa. Ano 2, n.º 13 a 16, 1917, p.42-59).
 - “Decoração de escolas primárias: memória justificativa de uma proposta para a decoração da escola de Alcântara”, publicado no *Boletim Oficial do Ministério da Instrução Pública* (ano 1(1916), n.º 3, p.191-194).
- *Revista Atlântida: mensário artístico, literário e social para Portugal e Brasil.*
Publicação periódica digital - Hemeroteca de Lisboa
 - “Edifícios escolares de Raúl Lino”, publicado na revista *Atlântida* (N.º 4 (15 de fevereiro de 1916), p. 331-336). [On line]. Consultado a 15 de fevereiro de 2016 http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Atlantida/N4/N4_master/N04.PDF.
- Barros, João de – *A República e a escola*. Lisboa: Aillaud, Alves, [19--].
Monografia do espólio bibliográfico da Escola Rodrigues Sampaio da Biblioteca Histórica de Educação - Secretaria-Geral da Educação e Ciência

BIBLIOGRAFIA

BEJA, Filomena; SERRA, Júlia; MACHÁS, Estela; SALDANHA, Isabel – *Muitos anos de escolas: edifícios para o ensino infantil e primário até 1941*. Lisboa: Direção-Geral de Administração Escolar, 1990. Vol. 1.

BEJA, Filomena; SERRA, Júlia; MACHÁS, Estela; SALDANHA, Isabel – *Muitos anos de escolas: edifícios para o ensino infantil e primário: da escola piloto à área aberta: casos especiais*. Lisboa: Secretaria-Geral, 2010. Vol. 3.

BIGODE, Luísa Violante dos Santos – *Espaços para a infância: o projeto centrado na criança*. Dissertação para obtenção do grau de mestre. Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa, 2013. [On line]. Consultado a 1 de fevereiro de 2016

https://fenix.tecnico.ulisboa.pt/downloadFile/395146021924/Luisa%20Bigode_TESE_MA.pdf

MARQUES, Fernando Moreira – “Lino da Silva, Raúl”. In *Dicionário de educadores portugueses*. Porto: ASA, 2003. P.767-773.

PEREIRA, Paulo Alexandre Alves Barroso Manta – *Raúl Lino: arquitetura e paisagem (1900-1948)*. Dissertação para obtenção do grau de doutor em Arquitetura e Urbanismo, Especialidade de Arquitetura. ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, 2012. [On line]. Consultado a 5 de fevereiro de 2016 <<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/5917>.

SILVA, Carlos Manique da – “Raúl Lino, protagonista de uma mudança na arquitetura escolar durante a I República Portuguesa”. In *Educar em Revista*. Curitiba, Brasil. N.º 49 (jul./set. 2013). P. 83-102. [On line]. Consultado a 30 de junho de 2016, <

<http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/9106/1/Raúl%20Lino%2c%20protagonista%20de%20uma%20mudan%c3%a7a.pdf>>.

Idem – “Projetos de escolas primárias do arquiteto Raúl Lino durante a 1.ª República Portuguesa”. In *Revista Linhas: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*.

Lisboa. N.º 12 (Jan. 2011). P. 33-50. [On line]. Consultado a 30 de junho de 2016,

<http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3854/1/artigo%20Raúl%20lino.pdf>.

SOEIRO, Jaqueline Monique Fantini – *Espírito na arquitetura: o pensamento arquitetónico em Raúl Lino e Lúcio Costa*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2012.

VILA POUCA, Óscar Ricardo Pires – *Escolas primárias: edifícios com propósito*. Dissertação de Mestrado para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2013. [On line]. Consulta a 5 de fevereiro de 2016
<https://sigarra.up.pt/reitoria/pt/pub_geral.show_file?pi_gdoc_id=27217.

FICHA TÉCNICA

Coordenação Geral

Direção de Serviços de Documentação e de Arquivo

Miguel Infante

Organização, pesquisa conteúdos

Françoise Le Cunff

Setembro de 2016